

# A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DO ENSINO TÉCNICO:

ACOLHIMENTO,  
PROCEDIMENTOS,  
NORMATIVAS E ADAPTAÇÕES  
INCLUSIVAS

---

CGETEC  
Equipe de inclusão  
2025

---

ALEX RODRIGUES BARBOSA  
JULIANA SOUZA RAMOS  
MARÍLIA CRISTINA MORAIS SOARES SCHMIDT

REVISÃO:  
ULISSES BATISTA THADEU SALVADOR

---



Descrição: professor grisalho e usando óculos, aluno adolescente com síndrome de Down, em aula prática no laboratório.

# SUMÁRIO

03

1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL NA FORMAÇÃO TÉCNICA

05

2. ACOLHIMENTO AO ALUNO E AOS RESPONSÁVEIS

07

3. ESTUDO DE CASO - DIÁLOGO COM O ALUNO OU RESPONSÁVEIS

09

4. ESTUDO DE CASO - PARECER DOS DOCENTES

10

5. ELABORAÇÃO DO PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - PAEE

11

6. ALUNOS ELEGÍVEIS E NÃO ELEGÍVEIS AO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

14

7. FLUXO DO ATENDIMENTO

15

8. DEFICIÊNCIA AUDITIVA

22

9. DEFICIÊNCIA FÍSICA

29

10. DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

36

**11. DEFICIÊNCIA VISUAL**

42

**12. TRANSTONO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

46

**13. TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)**

50

**14. ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO**

55

**15. REFERÊNCIAS**

# APRESENTAÇÃO

## 1. Educação Inclusiva e Especial na Formação Técnica: possibilidades e práticas

Comprometido com a construção de ambientes mais diversos e acessíveis, o Centro Paula Souza assume o desafio de inovar e implementar políticas eficazes para garantir uma formação técnica inclusiva e personalizada para todos os seus alunos, demonstrando um compromisso genuíno com a inclusão.

Reconhecido em todo o Brasil por sua excelência em educação profissional e tecnológicas no Estado de São Paulo, o CPS tem como missão primordial formar profissionais altamente capacitados para atender às demandas do mercado de trabalho. Em parceria estratégica com a Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico e a dedicada Equipe de Inclusão Pedagógica, a instituição investe continuamente no aprimoramento de seus estudos e especializações, fortalecendo seu compromisso com uma formação técnica de qualidade que seja verdadeiramente inclusiva.

Impulsionado por esse propósito, o CPS adota uma visão que transcende o assistencialismo em relação aos estudantes elegíveis à educação especial, reconhecendo-os como cidadãos ativos com a capacidade de contribuir significativamente para a sociedade.

A inclusão se concretiza quando as habilidades profissionais do educando são ajustadas de forma precisa às suas condições físicas e cognitivas, permitindo que ingressem e atuem no mercado de trabalho com autonomia, competência e o merecido reconhecimento.

Para fomentar um ambiente de respeito mútuo e aprendizado colaborativo, o CPS enfatiza a importância de que os alunos da inclusão respeitem as normas de convivência, previstas na deliberação nº 87/2022 (regimento comum das Escolas Técnicas), bem como as demais deliberações, assegurando um tratamento igualitário.

No âmbito do desenvolvimento de competências, habilidades e bases tecnológicas, os educadores são orientados a definir o nível de exigência necessário para que esses alunos alcancem os objetivos específicos de seus cursos.

A instituição reconhece a delicada fronteira entre adaptações inclusivas e capacitismo, mantendo-se vigilante para que as adequações promovam a inclusão plena, valorizando o potencial inerente a cada estudante. O caminho desafiador que alguns alunos com deficiência enfrentam na escola reflete uma realidade preocupante: a falta de acessibilidade adequada, de adaptações pedagógicas e de uma verdadeira cultura de inclusão.

## 2. ACOLHIMENTO AO ALUNO E AOS RESPONSÁVEIS



Descrição: a imagem mostra uma pessoa jovem usando muletas e uma mulher adulta caminhando lado a lado em frente a um prédio com a inscrição "ESCOLA TÉCNICA". Ambos sorriem e parecem estar conversando, com a mulher tocando gentilmente o braço do jovem. A cena transmite uma sensação de apoio e companheirismo no ambiente educacional.

Essas barreiras, muitas vezes invisíveis para aqueles que não vivenciam tal experiência, contribuem para dificuldades significativas no processo de aprendizagem, limitando o desenvolvimento acadêmico e pessoal desses estudantes. Além disso, a exclusão social e a ausência de estratégias para promover a interação e a participação ativa no ambiente escolar podem gerar sentimentos de solidão e desvalorização, afetando diretamente a autoestima e o bem-estar emocional desses alunos. Essa jornada difícil também impõe um peso emocional sobre seus familiares, os quais vivenciam, diariamente, a angústia de ver seus filhos ou parentes enfrentando desafios que poderiam ser amenizados com um sistema educacional mais inclusivo e acolhedor.

Muitos pais e responsáveis sofrem ao perceber a falta de compreensão e preparo por parte das instituições, lutando para garantir que seus filhos tenham acesso a uma educação digna e adaptada às suas necessidades.

A frustração, o medo do futuro e a sensação de impotência são sentimentos comuns, tornando essa batalha pela inclusão uma dor compartilhada entre alunos e familiares.

No entanto, a escola tem um papel fundamental na mudança desse cenário. Esta cartilha apresenta caminhos possíveis para transformar desafios em oportunidades e construir um ambiente verdadeiramente inclusivo. O CPS busca, por meio das práticas pedagógicas adaptadas, investimentos em acessibilidade e a promoção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade, que as escolas garantam a todos os alunos as condições de aprender, interagir e se desenvolver plenamente.

Por fim, cabe ressaltar o compromisso da comunidade escolar nos processos formativos, haja vista que a educação inclusiva não é apenas um direito, mas também um caminho para o sucesso e para uma sociedade mais justa e equitativa.

### 3. ESTUDO DE CASO - ENTREVISTA COM OS ALUNOS E OU RESPONSÁVEIS

O estudo de caso, em sua primeira etapa, consiste na realização de uma entrevista inicial com o(a) aluno(a) e/ou seus responsáveis legais – no caso de alunos menores de idade ou sob curatela – com o objetivo de levantar informações biopsicossociais relevantes.

Essa investigação busca compreender o(a) estudante em seus diferentes contextos de convivência (familiar, escolar e comunitário), com foco em identificar suas singularidades e as barreiras que dificultam ou impedem sua plena participação, o acesso ao currículo escolar e a aprendizagem. Fundamentado no art. 28, inciso VII, da Lei nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), o estudo de caso é uma investigação prioritariamente educacional, mas que pode contar com aportes transdisciplinares, conforme a necessidade, com o intuito de subsidiar a elaboração do Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE).

Em outras palavras, o referido documento parte do reconhecimento das diferenças individuais dos estudantes e tem como foco identificar as barreiras – físicas, pedagógicas, atitudinais ou comunicacionais – que os impedem de participar ativamente não só das atividades escolares, mas também de todas as dimensões da vida social.

Trata-se, portanto, de uma etapa essencial para a construção de um plano individualizado, eficaz e sensível às necessidades de cada estudante, garantindo-lhe o direito à educação de qualidade e à inclusão plena.



Descrição: três mulheres em uma mesa, sendo uma adolescente, em um ambiente. Ao lado esquerdo, uma mulher de pele escura, que está sentada e representa a orientadora educacional, usa óculos e tem cabelo curto e crespo. Ela veste um blazer de tom claro, e está sorrindo enquanto segura uma caneta na mão direita, aparentemente pronta para escrever ou anotar. A adolescente possui cabelos escuros e ondulados caídos sobre os ombros, usando uma camiseta vinho, mantém um olhar atento, a mãe está ao seu lado direito, também atenta à Orientadora Educacional.

## 4. ESTUDO DE CASO: ENTREVISTA COM OS DOCENTES

A segunda etapa do estudo de caso é um procedimento de investigação tático e estratégico o qual aprofunda o conhecimento sobre o aluno com necessidades educacionais específicas, essa prática se baseia em conceitos legais e fundamentais da educação especial e inclusiva.

O estudo de caso procura abordar e investigar os aspectos biopsicossociais e socioemocionais e de desenvolvimento acadêmico, no intuito de alinhar as ações no contexto das adaptações curriculares, metodológicas e avaliativas.

Este documento deverá ser realizado após um período de observação do aluno no contexto do ambiente escolar e de sala de aula.

Por fim, a equipe pedagógica da unidade escolar deverá reunir-se para essa análise conjunta e global, permitindo a identificação das barreiras, bem como revelando as oportunidades e possibilidades.

## 5. ELABORAÇÃO DO PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - PAEE

O Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE), baseado no estudo de caso, contextualiza as dificuldades do aluno, proporcionando uma compreensão mais ampla e profunda do seu processo de aprendizagem.

Esse plano possibilita a criação de estratégias pedagógicas personalizadas, auxiliando o aluno a superar barreiras e a desenvolver as competências e habilidades essenciais para sua formação técnica.

A elaboração desse documento é de responsabilidade dos professores especialistas - atuais coordenadores de projetos da Divisão de Gestão Pedagógica (DGP) e das Divisões Pedagógicas Regionais (DPR) - incluindo objetivos, estratégias pedagógicas, recursos e atividades que promovam a inclusão e garantam o acesso dos alunos da educação especial.

## 6. ALUNOS ELEGÍVEIS E NÃO ELEGÍVEIS AO APOIO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

São estudantes elegíveis ao apoio Educacional Especializado:

---

Alunos com Deficiência Física, Auditiva, Visual, Transtorno do Espectro Autista, Transtorno do Desenvolvimento Intelectual e Altas Habilidades ou Superdotação.

---



Intérprete Ledor



Enfermeiro



Cuidador



Profissional de Libras

<b>Profissionais</b>	<b>Aluno</b>
<b>INTÉRPRETE DE LIBRAS</b>	<b>Surdo</b>
<b>LEDOR/TRANSCRITOR DE BRAILLE</b>	<b>Cego</b>
<b>CUIDADOR</b>	<b>Deficiências que impeçam a auto higiene e auto alimentação</b>
<b>AGENTE ESCOLAR DE INCLUSÃO</b>	<b>Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista e Altas Habilidades ou Superdotação.</b>
<b>TÉCNICO EM ENFERMAGEM</b>	<b>Deficiência que necessite de atendimento técnico de saúde</b>

## Não são estudantes elegíveis ao apoio Educacional Especializado

Alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, Dislexia, Dislalia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, Transtorno do Processamento Auditivo (TPA), Transtorno do Processamento Visual (TPV).

Outras comorbidades de saúde mental que também não são elegíveis ao apoio educacional especializado são: transtornos de ansiedade, pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, bipolaridade, esquizofrenia, depressão, entre outros.

O fato de o aluno não ser elegível ao Acompanhamento Educacional Especializado não isenta a escola de garantir o direito às adaptações curriculares e pedagógicas que promovam a aprendizagem e a inclusão. A escola tem um papel fundamental em acolher as necessidades apresentadas e em buscar as melhores formas de atender a cada aluno, considerando a realidade do acesso aos serviços de saúde

## 7. FLUXO DO ATENDIMENTO

<p><b>CANDIDATO / ALUNO</b></p>	<p>Cabe ao candidato ou ao seu responsável comunicar à instituição organizadora do processo seletivo sobre as necessidades específicas. Esta, por sua vez, deve atender às solicitações e oferecer as condições adequadas para o acesso e a realização da prova.</p>
<p><b>ALUNO (SE MAIOR DE IDADE) E/OU RESPONSÁVEL (EM CASO DE ALUNO MENOR OU SOB CURATELA)</b></p>	<p>Informar a escola sobre as condições do aluno, hipótese de diagnóstico e entregar cópia de relatório, declaração ou laudo, se houver;</p>
<p><b>SECRETARIA ACADÊMICA</b></p>	<p>Encaminhar lista de matriculados da Educação Especial para Orientação Educacional; Recebimento de Laudo e demais documentos comprobatórios;</p>
<p><b>Direção da Escola</b></p>	<p>Lista - autodeclaração dos alunos PcDs; Agente de Inclusão e Profissionais de Apoio - solicitar via formulário;</p>
<p><b>Orientador Educacional</b></p>	<p>Agendar com o aluno e/ou responsáveis o preenchimento da <b>primeira parte</b> da Ficha de Estudo de Caso.</p>
<p><b>Coordenador Pedagógico</b></p>	<p>Orientar quanto às metodologias diversificadas, tecnologias assistivas, avaliação do processo, acompanhar o Estudo de Caso, adaptações e estratégias de recuperação contínua</p>
<p><b>Professores</b></p>	<p>Cabe aos docentes, participar da análise de Estudo de Caso, tomar ciência e adaptar as atividades</p>
<p><b>Fiscal do Contrato</b></p>	<p>O fiscal de contrato da AME deve ser indicado pelo Diretor da unidade de ensino. É de sua responsabilidade fiscalizar, averiguar e conferir atentamente a pontualidade no cumprimento da carga horária dos profissionais de apoio ao aluno, público-alvo da educação especial.</p>
<p><b>Profissional Especializado AME</b></p>	<p>Oferece suporte aos alunos seguindo orientações da equipe pedagógica, professores e/ou orientador educacional. Auxiliar os alunos no desenvolvimento de habilidades que permitam uma maior autonomia.</p>

## 8. Deficiência Auditiva

A deficiência auditiva é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade de ouvir, podendo afetar um ou ambos os ouvidos. Divide-se em duas categorias principais: hipoacusia (baixa audição) e surdez (perda auditiva profunda). Ambas podem ocorrer de forma unilateral (em um ouvido) ou bilateral (em ambos), com diferentes níveis de comprometimento.

Hipoacusia é a redução significativa da audição que não pode ser corrigida totalmente com aparelhos auditivos ou cirurgia. A pessoa com hipoacusia ouve, mas com limitações que afetam sua rotina, exigindo o uso de recursos como aparelhos de amplificação sonora individual (AASI), implante coclear ou outros recursos tecnológicos para maximizar seu potencial auditivo.

Surdez refere-se à perda total da audição ou à percepção muito reduzida do som. Nesse caso, a pessoa recorre a outros sentidos e a recursos como a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras), a leitura labial e tecnologias assistivas para se comunicar e acessar informações.

É importante lembrar que cada pessoa com deficiência auditiva apresenta um perfil sensorial único. Por isso, estratégias pedagógicas, de comunicação e acessibilidade devem ser adaptadas às necessidades específicas do indivíduo, respeitando seu potencial e promovendo sua plena participação social e educacional.

## 8.1 Orientações Pedagógicas

Sugestões práticas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência auditiva:

- **Comunique-se de forma clara e visível:** fale de frente para o aluno, permitindo a leitura labial. Articule bem as palavras, sem exageros.
- **Utilize recursos visuais:** apresente os conteúdos com o apoio de slides, vídeos legendados, gráficos, diagramas e materiais escritos.
- **Assegure o acesso à informação,** garantindo a presença de um intérprete de Libras qualificado, caso essa seja a forma de comunicação preferencial do aluno.
- **Posicione o aluno adequadamente:** permita que o estudante se sente em um local onde possa ver o professor, o intérprete (se houver) e os colegas claramente.
- **Verbalize e escreva:** ao dar instruções, verbalize claramente e, se possível, escreva-as na lousa ou em um material impresso para reforçar a compreensão.
- **Ofereça materiais de apoio:** disponibilize materiais escritos com antecedência (roteiros, resumos) para que o aluno possa acompanhar a aula com mais facilidade.
- **Use expressões faciais e corporais:** acompanhe sua fala com expressões faciais e gestos naturais para auxiliar na compreensão.

- Repita e reformule: se o aluno não entender, repita a informação de outra maneira ou utilize sinônimos.
- Permita o uso de tecnologias assistivas: autorize o uso de aparelhos auditivos, implantes cocleares e sistemas de FM (frequência modulada) que auxiliam na audição.
- Conceda tempo adicional: permita tempo adicional para o aluno processar informações ou para que o intérprete de Libras possa traduzir.
- Verifique a compreensão: ao final de uma explicação, pergunte ao aluno se ele entendeu ou peça para que ele reformule as explicações.
- Incentive a participação: crie um ambiente onde o aluno se sinta à vontade para fazer perguntas e participar das discussões.



Descrição: aluno jovem, negro, com camiseta amarela se comunicando em Libras, no centro da imagem. Outros alunos ao seu redor, todos sentados em sala de aula.

## 8.2 Adequações no Ambiente Escolar

- **Garanta boa iluminação:** Certifique-se de que o ambiente tenha boa iluminação, principalmente no rosto de quem está falando, para facilitar a leitura labial.
- **Minimize ruídos:** Reduza ao máximo ruídos externos ou do ambiente que possam dificultar a concentração ou a compreensão auditiva.
- **Em debates e apresentações:** Oriente os colegas a esperar a sua vez de falar e a se posicionar de forma visível para o aluno surdo ou com hipoacusia.
- **Comunique mudanças visivelmente:** Ao comunicar qualquer alteração no layout da sala ou na rotina, faça-o de forma visual (escrevendo na lousa, mostrando um cartaz) ou através do intérprete.
- **Ofereça materiais em formato digital:** Disponibilize materiais em formato digital para que o aluno possa revisá-los e, se necessário, utilizar *softwares* de transcrição ou legendagem.
- **Em slides, priorize a visualização:** Utilize fontes legíveis, bom contraste e evite excesso de texto nos slides. Priorize imagens e gráficos relevantes.
- **Autorize o uso de recursos de comunicação:** Permita que o aluno utilize celulares ou tablets para se comunicar por texto ou para acessar aplicativos de transcrição de fala em tempo real, se isso for útil

## 8.3 Recursos e Equipamentos Utilizados por Estudantes com Deficiência Auditiva

Estudantes com deficiência auditiva utilizam diversos recursos para garantir sua autonomia e pleno acesso às atividades escolares, dentre os quais, destacam-se os principais:

- **Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (AASI):** Dispositivos eletrônicos que amplificam o som, ajudando pessoas com hipoacusia a ouvir melhor.
- **Implante Coclear:** Dispositivo eletrônico que estimula diretamente o nervo auditivo, auxiliando pessoas com surdez severa a profunda a perceber sons.
- **Sistemas FM:** Equipamentos que transmitem a voz do professor diretamente para o aparelho auditivo ou implante coclear do aluno, reduzindo o impacto do ruído ambiente e da distância.
- **Recursos Visuais:** Materiais impressos, projeções, vídeos com legendas e outros elementos visuais que complementam a informação auditiva.
- **Libras (Língua Brasileira de Sinais):** é o meio de comunicação oficial da comunidade surda no Brasil, utilizada tanto por intérpretes quanto por muitos estudantes com surdez

## 8.4 Comunicação e Atitudes inclusivas

A forma como nos comunicamos com pessoas com deficiência auditiva impacta diretamente sua participação e inclusão. Veja o que evitar e o que adotar:

### **Evite:**

Expressões capacitistas, tais como:

*“Você é surdo, mas fala tão bem!”*

*“Ele sofre de deficiência auditiva.”*

*“Como você consegue fazer isso sendo surdo?”*

Falar com pena ou infantilização.

Gritar ou falar de forma exagerada: Isso distorce a leitura labial e não ajuda na compreensão.

Falar de costas ou com a mão na boca: Impede a leitura labial.

Assumir que o aluno não entendeu: Sempre verifique a compreensão.

Usar diminutivos como “deficiente auditivozinho”.

## Adote:

- Linguagem neutra e objetiva: "Pessoa com deficiência auditiva", "Aluno surdo", "Pessoa com hipoacusia", "Usuário de Libras".
- Fale diretamente com a pessoa, nunca por terceiros (a não ser que seja o intérprete).
- Mantenha contato visual: Olhe diretamente para o aluno ao falar, mesmo que haja um intérprete.
- Identifique-se ao se aproximar: *"Olá, sou a professora Ana."*
- Ofereça ajuda com perguntas: "Você precisa de apoio?", "Como posso facilitar sua compreensão?".
- Seja descritivo ao dar instruções ou informações espaciais: "A mesa está à sua direita, perto da janela."
- Respeite o ritmo e a autonomia da pessoa com deficiência auditiva.
- Ao apresentar algo, indique o que está sendo apresentado: "Agora vou mostrar o gráfico."
- Quando precisar sair, avise a pessoa que irá se retirar.
- Seja paciente e compreensivo. A comunicação pode exigir um pouco mais de tempo e esforço de ambos os lados.

## 9. Deficiência Física: Diversidade e Acessibilidade

A deficiência física é um termo amplo que engloba diversas condições as quais afetam a mobilidade, a coordenação motora ou a força. Ela se manifesta de diferentes formas, podendo ser congênita (presente desde o nascimento) ou adquirida (resultante de acidentes, doenças ou lesões). Suas características variam amplamente, impactando desde movimentos finos até a capacidade de locomoção, e podem ser permanentes ou temporárias.

É fundamental compreender que a deficiência física não define a pessoa, mas sim uma de suas características. Cada indivíduo possui necessidades e potencialidades únicas, e a acessibilidade é a chave para garantir sua plena participação social e educacional. O objetivo é remover barreiras e criar um ambiente que promova a autonomia e a inclusão.

Seja paciente e compreensivo, pois a comunicação e a interação podem exigir um pouco mais de tempo e esforço de ambos os lados

## 9.1 Orientações Pedagógicas

Sugestões práticas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência física:

**Adapte o mobiliário e o espaço:** Verifique se as cadeiras, mesas e bancadas estão em altura adequada para cadeirantes ou para quem utiliza outros apoios. Garanta corredores e portas amplos para a circulação.

**Ofereça materiais adaptados:** Disponibilize materiais didáticos em formatos que facilitem o manuseio, tais como livros com páginas mais firmes, cadernos com espiral ou materiais digitais que possam ser acessados por tecnologias assistivas (teclados adaptados, softwares de voz, etc.).

**Considere o tempo de execução:** Permita um tempo adicional para que o estudante possa realizar atividades envolvendo escrita, manipulação de objetos ou deslocamento. A qualidade da resposta é mais importante que a velocidade.

**Incentive a participação ativa:** Crie oportunidades para que o aluno participe de todas as atividades, adaptando-as conforme necessário. Caso seja uma atividade que exija movimento, pense em como o estudante pode participar de forma alternativa.

Use recursos visuais e táteis: Para conceitos envolvendo movimento ou manipulação, utilize maquetes, modelos táteis e demonstrações visuais claras.

Promova a autonomia: Incentive o estudante a realizar tarefas de forma independente, oferecendo apoio apenas quando necessário.

Seja descritivo ao dar instruções ou informações espaciais: "A porta está à sua esquerda, próxima à janela."

Respeite o ritmo e a autonomia da pessoa com deficiência física.

Ao apresentar algo, indique o que está sendo apresentado: "Agora vou mostrar o mapa."

Quando precisar sair, avise a pessoa que irá se retirar.

Verifique a compreensão: Utilize diferentes formas para checar se o estudante compreendeu o conteúdo, considerando suas possibilidades de comunicação e expressão.

Estimule a interação com os colegas: Crie um ambiente de respeito e colaboração, onde os colegas compreendam e apoiem as necessidades do estudante com deficiência física.

## 9.2 Adequações no Ambiente Escolar

**Rotas acessíveis:** Garanta que todos os espaços da escola (salas de aula, banheiros, cantina, biblioteca) sejam acessíveis, com rampas, elevadores ou plataformas.

**Banheiros adaptados:** Verifique a existência de banheiros com barras de apoio, espaço para manobra de cadeira de rodas e altura adequada de vasos sanitários e pias.

**Mobiliário flexível:** Tenha mobiliário que possa ser rearranjado para atender às necessidades de cada estudante, como mesas ajustáveis em altura.

**Sinalização clara:** Utilize sinalização visual e tátil para indicar rotas, banheiros e outros espaços importantes.

**Emergências:** Desenvolva planos de emergência que considerem as necessidades de evacuação de estudantes com deficiência física.

**Áreas externas:** Assegure que pátios, quadras e outras áreas externas tenham pisos adequados e acessibilidade para circulação.

**Recursos tecnológicos:** Garanta a disponibilidade de computadores com acesso a tecnologias assistivas (teclados adaptados, mouses alternativos, softwares de reconhecimento de voz).

## 9.3 Recursos e equipamentos utilizados

Estudantes com deficiência física utilizam uma variedade de recursos para garantir sua autonomia e pleno acesso às atividades escolares. Entre os principais, destacam-se:

Cadeiras de rodas: Elétricas ou manuais, para locomoção.

Andadores e muletas: Para apoio e equilíbrio na locomoção.

Órteses e próteses: Dispositivos que auxiliam na função ou substituem um membro do corpo.

Tecnologias assistivas: Teclados e mouses adaptados: Com botões maiores, layout diferente ou acionamento por sopro, toque na cabeça, etc.

Softwares de reconhecimento de voz: Para digitar ou controlar o computador pela fala.

Comunicação alternativa e aumentativa (CAA): Pranchas de comunicação, softwares e dispositivos que permitem a comunicação de pessoas com dificuldades na fala.

Mesas e pranchetas adaptadas: Inclínaveis ou com ajustes de altura para facilitar a escrita ou leitura.

Material de escrita adaptado: Canetas com engrossadores, lápis adaptados.

Veículos de transporte adaptados: Para o deslocamento entre casa e escola.

## 9.4 Comunicação e Atitudes Inclusivas

A forma como nos comunicamos com pessoas com deficiência física impacta diretamente sua participação e inclusão. Veja o que evitar e o que adotar:

**Verifique a compreensão:** Utilize diferentes formas para checar se o estudante compreendeu o conteúdo, considerando suas possibilidades de comunicação e expressão.

**Estimule a interação com os colegas:** Crie um ambiente de respeito e colaboração, onde os colegas compreendam e apoiem as necessidades do estudante com deficiência física.

**Evite:**

Expressões capacitistas como:

"Você é um exemplo por conseguir fazer isso!"

"Ele sofre de deficiência física."

"Coitadinho, não consegue andar."

Falar com pena ou infantilização.

**Empurrar a cadeira de rodas sem permissão:** Sempre pergunte antes de oferecer ajuda.

Apoiar-se na cadeira de rodas: A cadeira é parte do espaço pessoal da pessoa.  
Agachar-se ou inclinar-se excessivamente: Converse em um nível de visão confortável para ambos.

Usar diminutivos.

Adote:

Linguagem neutra e objetiva: "Pessoa com deficiência física", "Usuário de cadeira de rodas", "Aluno com mobilidade reduzida".

Fale diretamente com a pessoa, nunca por terceiros.

Mantenha contato visual: Olhe diretamente para o aluno ao falar.

Identifique-se ao se aproximar: "Olá, sou o professor João."

Ofereça ajuda com perguntas: "Você precisa de apoio?", "Posso ajudar em algo?".



Descrição: jovem aluno em cadeira de rodas, cabelos pretos e curtos, camiseta cinza e calça preta, com os demais colegas em aula de Educação Física, em uma quadra de esportes, com materiais esportivos ao redor.

## 10. Deficiência Intelectual

A deficiência intelectual é uma condição caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual (como raciocínio, aprendizagem e resolução de problemas) e no comportamento adaptativo (habilidades sociais e práticas do dia a dia). Ela se manifesta de diversas formas e em diferentes graus de intensidade, o que torna cada pessoa com deficiência intelectual única em suas necessidades, habilidades e potencialidades. Pode ser identificada na infância ou adolescência e, em muitos casos, não possui uma causa única e específica.

É fundamental entender que a deficiência intelectual não define a capacidade de uma pessoa de aprender, crescer e contribuir. Pelo contrário, cada indivíduo com deficiência intelectual possui talentos, interesses e formas próprias de interagir com o mundo. O foco deve ser sempre na potencialização de suas habilidades e na criação de um ambiente que promova sua autonomia, desenvolvimento e plena inclusão social e educacional. A singularidade de cada um deve ser valorizada e as estratégias devem ser personalizadas para atender às suas necessidades específicas.

## 10.1 Orientações Pedagógicas

Sugestões práticas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual:

**Simplifique e concretize o conteúdo:** Apresente informações de forma clara, direta e em etapas curtas. Utilize exemplos concretos, materiais manipuláveis e recursos visuais para facilitar a compreensão de conceitos abstratos.

**Repetição e Reforço Positivo:** A repetição de informações e atividades, de diferentes formas, ajuda na consolidação do aprendizado. Ofereça feedback positivo constante para motivar e reconhecer o esforço do estudante.

**Ensino Multissensorial:** Explore diferentes canais de aprendizagem (visual, auditivo, tátil, cinestésico). Utilize músicas, jogos, vídeos, e atividades práticas que envolvam o movimento.

**Rotinas Estruturadas e Previsibilidade:** Estabeleça rotinas diárias claras e previsíveis, com horários e atividades bem definidos. Isso oferece segurança e ajuda o estudante a se organizar.

**Adaptação de Materiais e Atividades:** Modifique o nível de dificuldade, a quantidade de tarefas ou o formato dos materiais. Por exemplo, use textos com vocabulário mais simples, letras maiores ou atividades com menos etapas.

**Incentivo à Autonomia e Independência:** Divida tarefas complexas em passos menores e incentive o estudante a realizar o máximo possível de forma independente, oferecendo apoio gradual conforme necessário.

**Desenvolvimento de Habilidades Sociais e da Vida Diária:** Integre atividades que promovam a interação social, a comunicação e o desenvolvimento de habilidades de autocuidado e de vida prática, tais como organizar materiais e seguir regras simples.

**Avaliação Contínua e Flexível:** Avalie o progresso do estudante de forma individualizada, considerando seu ritmo e estilo de aprendizagem. Utilize diferentes métodos de avaliação (observação, portfólio, tarefas práticas) e foque no que o estudante consegue fazer.

## 10.2 Adequações no Ambiente Escolar

Espaços organizados e estimulantes, mantenha a sala de aula e outros ambientes bem organizados, com materiais facilmente acessíveis e sinalização visual clara (fotos, símbolos) para rotinas e locais.

**Materiais Didáticos Diversificados:** Disponibilize uma variedade de recursos visuais, táteis e manipuláveis que atendam a diferentes estilos de aprendizagem e níveis de compreensão.

**Áreas Calmas e de Baixa Estimulação:** Identifique e, se possível, crie espaços na escola onde o estudante possa se retirar quando precisar de um ambiente mais calmo e com menos estímulos.

**Tecnologias Assistivas:** Explore o uso de tablets, computadores com softwares educativos adaptados, aplicativos de comunicação alternativa e outros recursos tecnológicos que possam auxiliar na aprendizagem e comunicação.

**Flexibilidade no Mobiliário:** Permita que o mobiliário seja organizado de forma a facilitar a interação, o trabalho em grupo e a individualização, se necessário.

**Sinalização Visual e Ícones:** Utilize sinalização com ícones e imagens que ajudem na compreensão de regras, rotas, e identificação de ambientes (ex: ícone de banheiro, cantina).

**Ambiente de Apoio e Colaboração:** Promova uma cultura escolar que valorize a diversidade, onde colegas, professores e funcionários estejam preparados para oferecer apoio e interagir de forma inclusiva.

Estudantes com deficiência intelectual podem se beneficiar de uma série de recursos e ferramentas que auxiliam no processo de aprendizagem e desenvolvimento:

**Materiais Concretos e Manipuláveis:** Blocos, quebra-cabeças, jogos de encaixe, materiais com diferentes texturas para auxiliar na compreensão de conceitos matemáticos, de leitura, etc.

**Recursos Visuais:** Cartões com imagens, agendas visuais, tabelas, mapas mentais, sequências de atividades em fotos ou desenhos para organizar tarefas e rotinas.

### 10.3 Tecnologias Assistivas Educacionais

**Aplicativos e Softwares Educacionais:** Jogos interativos, programas de leitura e escrita com recursos de áudio, aplicativos para o desenvolvimento de habilidades cognitivas.

**Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA):** Pranchas de comunicação com símbolos e imagens, *softwares* e aplicativos que permitam a comunicação de pessoas com dificuldades na fala. Um exemplo disso são as PECS (sigla para *Picture Exchange Communication System*, em Língua Portuguesa, Sistema de Comunicação por Troca de Figuras).

**Dispositivos com Tela Sensível ao Toque:** Tablets e smartphones com interfaces simples e intuitivas.

**Organizadores Gráficos:** Modelos para organizar ideias, planos e informações de forma visual.

**Material Adaptado:** Livros com texto simplificado e imagens, cadernos com linhas espaçadas, lápis com engrossadores, lupas, entre outros, conforme a necessidade individual.

**Objetos de Transição:** Objetos que representam uma próxima atividade na rotina (ex: um copo para indicar a hora do lanche).

## 10.4 Comunicação e Atitudes Inclusivas

A forma como interagimos com pessoas com deficiência intelectual é crucial para sua participação e bem-estar.

Evite:

**Linguagem Infantilizada ou Diminutivos:** Não use termos como "bonitinho", "queridinho" ou fale com a pessoa como se ela fosse uma criança, independentemente da idade.

**Falar pela pessoa:** Sempre que possível, dirija-se diretamente à pessoa com deficiência intelectual, mesmo que ela tenha dificuldade em responder.

**Falar com Pena ou Compaixão Excessiva:** Evite expressões que transmitam pena ou a considerem incapaz ("coitadinho", "tadinho").

**Generalizações ou Rótulos:** Evite dizer "todos os deficientes intelectuais são assim" ou usar termos pejorativos.

**Interromper Frequentemente:** Dê tempo para a pessoa processar a informação e formular sua resposta.

**Assumir Capacidades ou Incapacidades:** Não presuma o que a pessoa consegue ou não consegue fazer.

**Adote:**

**Linguagem simples e direta:** Use frases curtas, vocabulário acessível e evite duplos sentidos ou metáforas complexas.

**Fale claramente e em ritmo adequado:** articule bem as palavras e fale em um ritmo que permita a compreensão.

**Mantenha contato visual e atenção plena:** mostre que você está ouvindo e interagindo com o estudante.

**Seja Paciente:** Dê tempo para a pessoa processar as informações e se expressar, mesmo que demore um pouco.

**Ofereça Ajuda de Forma Respeitosa:** Pergunte "Precisa de ajuda?" ou "Posso te ajudar em algo?" em vez de apenas agir.

**Utilize Recursos Visuais:** Apoie sua fala com gestos, imagens, objetos ou demonstrações quando apropriado.

**Valide Suas Expressões:** Reconheça e valorize as tentativas de comunicação da pessoa, mesmo que imperfeitas.

**Incentive a Tomada de Decisões:** Ofereça escolhas simples e incentive a pessoa a expressar suas preferências.

**Foque nas Habilidades e Potencialidades:** Destaque o que a pessoa é capaz de fazer e apoie seu desenvolvimento.

## 11. Deficiência Visual: Cegueira e Baixa Visão

A deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade de enxergar, podendo afetar um ou ambos os olhos. Divide-se em duas categorias principais: baixa visão e cegueira. Ambas podem ocorrer de forma monocular (em um olho) ou binocular (em ambos), com diferentes níveis de comprometimento.

### **Baixa visão**

É a redução significativa da visão que não pode ser corrigida totalmente com óculos, lentes, medicamentos ou cirurgia. A pessoa com baixa visão enxerga, mas com limitações que afetam sua rotina, exigindo o uso de recursos ópticos, não ópticos ou tecnológicos para maximizar seu potencial visual.

### **Cegueira**

Refere-se à perda total da visão ou à percepção muito reduzida, como apenas distinguir luzes e sombras. Nesse caso, a pessoa recorre a outros sentidos e a recursos como o sistema Braille, bengalas e tecnologias assistivas para se orientar e acessar informações.

É importante lembrar que cada pessoa com deficiência visual tem um funcionamento visual único. Por isso, estratégias pedagógicas, de comunicação e acessibilidade devem ser adaptadas às suas necessidades específicas, respeitando seu potencial e promovendo sua plena participação social e educacional.

## 11.1 Orientações Pedagógicas

Sugestões práticas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência visual:

Ofereça materiais impressos com letras ampliadas, conforme a necessidade do aluno. Use desenhos com cores fortes e contornos bem definidos, feitos com canetas de ponta grossa.

Assegure que os materiais audiovisuais tenham boa visibilidade, duração adequada e velocidade compatível.

Utilize contrastes visuais eficazes (exemplo: letra preta em fundo branco ou azul escuro em fundo amarelo).

Posicione o aluno em local que favoreça sua visão do quadro, do professor e dos colegas.

Respeite a postura que o aluno considerar mais confortável nas atividades de leitura e escrita.

Verifique se o aluno utiliza algum recurso óptico para visão à distância e ajuste seu lugar na sala.

Permita o uso de ampliadores de tela no computador.

Verbalize claramente todas as instruções e procedimentos didáticos.

Convide o aluno a se aproximar do quadro, se necessário.

Evite expressões vagas como “aqui” ou “ali”; seja descritivo.

Ofereça provas e materiais em tipos ampliados.

Autorize o uso de lápis 6B ou 4B, canetas hidrográficas pretas e cadernos com pauta ampliada.

Conceda tempo adicional ou reduza a quantidade de exercícios quando necessário.

Escreva na lousa com letra grande e organizada, preferencialmente em letra bastão.

Permita que colegas leiam o conteúdo da lousa para o aluno com baixa visão.

Utilize fontes de tamanho 16 a 32, como Arial ou Verdana, com bom contraste (fundo escuro e letra clara) e papel espesso.

## 11.2 Adequações no Ambiente Escolar

Em debates e apresentações, oriente os colegas a se identificarem verbalmente.

Comunique ao aluno qualquer alteração no layout da sala ou na rotina.

Permita pausas durante avaliações, em caso de fadiga visual.

Ofereça materiais em formato digital como alternativa ao impresso tradicional.

Intercale atividades visuais com não visuais para evitar sobrecarga.

Em slides, utilize fonte mínima 16 e alto contraste visual.

Autorize gravações em áudio das aulas para que o aluno possa revisá-las.

## 11.3 Recursos e Equipamentos

Utilizados por Estudantes com Deficiência Visual Estudantes com deficiência visual utilizam diversos recursos para garantir sua autonomia e pleno acesso às atividades escolares. Entre os principais, destacam-se:

### **Leitores de Tela**

Softwares que transformam texto em áudio, permitindo a navegação autônoma por documentos, sistemas e internet.

NVDA (NonVisual Desktop Access):

Leitor de tela gratuito para Windows. Transforma em voz os elementos da tela, como menus e textos.

Link do NVDA - <https://www.nvaccess.org/download/> Acesso em 28/07/2025.

### **TalkBack:**

Presente em celulares e tablets Android. Usa gestos e toques para oferecer feedback por voz ao usuário.

### **Bengalas de Orientação**

Instrumentos que auxiliam na mobilidade e na identificação da deficiência visual. Nas cores:

Branca - Indica cegueira total ou visão residual mínima.

Verde - Indica baixa visão. Sinaliza percepção visual parcial.

Vermelha - Indica pessoa surdacega. Exige comunicação adaptada à deficiência visual e auditiva.

## 11.4 Comunicação e Atitudes Inclusivas

A forma como nos comunicamos com pessoas com deficiência visual impacta diretamente sua participação e inclusão. Veja o que evitar e o que adotar:

Evite expressões capacitistas como:

“Você é cego, mas é tão inteligente!”

“Ele sofre de deficiência visual.”

Como você consegue fazer isso sendo cego?

Falar com pena ou infantilização.

Mudar objetos de lugar sem avisar.

Brincar com a bengala.

Puxar ou conduzir a pessoa sem perguntar, se é necessário.

Usar diminutivos como

“deficiente visualzinho”.



Descrição: aluna negra, com os cabelos trançados, blusa rosa e calça jeans, segurando uma bengala, sorrindo e conversando com outras três pessoas.

## **Adote:**

Linguagem neutra e objetiva:

“Pessoa com deficiência visual”

“Aluno com baixa visão”

“Pessoa que usa leitor de tela”.

Verbos como:

“ver”, “olhar” ou “assistir” podem ser usados normalmente.

Fale diretamente com a pessoa, nunca por terceiros.

Identifique-se ao se aproximar:

“Olá, sou a professora Ana.”

Ofereça ajuda com perguntas:

“Você precisa de apoio?”

Descreva o ambiente quando necessário:

“À sua esquerda há uma carteira vazia.”

Ao guiar, deixe que a pessoa segure seu braço.

Respeite o ritmo e a autonomia da pessoa com deficiência visual.

Quando precisar sair, avise a pessoa que irá se retirar

## 12. Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento a qual se manifesta de diversas formas, em aspectos relacionados à comunicação, à interação social e a padrões de comportamento repetitivos e restritos. O termo “espectro” reflete justamente essa ampla variabilidade nas manifestações clínicas e nos níveis de apoio necessários, o que exige um olhar pedagógico individualizado e sensível à singularidade de cada estudante.

### Características do TEA na escola

No contexto educacional, os estudantes com TEA podem apresentar:

Dificuldade em iniciar ou manter interações sociais;

Uso atípico da linguagem verbal ou não verbal;

Resistência a mudanças de rotina;

Interesses específicos e intensos por determinados temas;

Hiper ou hipossensibilidade a sons, luzes, texturas ou cheiros;

Dificuldade em compreender regras sociais implícitas.

É importante lembrar que nenhum aluno com TEA é igual ao outro. O planejamento pedagógico deve considerar as necessidades individuais, os pontos fortes e os desafios de cada estudante, respeitando seu tempo, estilo cognitivo e sensorialidade.

## Níveis de suporte

Segundo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o TEA é classificado em três níveis:

- Nível 1 (leve): requer apoio mínimo. O aluno pode ter dificuldades em iniciar interações sociais e manter a reciprocidade em diálogos, mas consegue certa autonomia.
- Nível 2 (moderado): requer apoio substancial. As dificuldades são mais evidentes na comunicação e na adaptação à rotina escolar.
- Nível 3 (severo): requer apoio muito substancial. O estudante apresenta comprometimentos significativos na linguagem, na interação e nas atividades do cotidiano.

Esses níveis não indicam inteligência ou capacidade de aprendizado, mas o grau de suporte necessário para garantir a participação ativa do estudante na vida escolar.

## 12.1 Orientações Pedagógicas

### Planejamento e rotina estruturada:

- Estabeleça rotinas visuais com horários, atividades e mudanças antecipadas;
- Antecipe alterações na rotina, sempre que possível;
- Utilize cronogramas com imagens, pictogramas ou listas de tarefas.

### Comunicação acessível e direta:

- Evite linguagem ambígua, metáforas e ironias;
- Use instruções claras, curtas e objetivas;
- Reforce verbalmente e visualmente as orientações.

### Aproveitamento de interesses específicos:

- Use os temas de interesse do aluno como ponto de partida para ensinar novos conteúdos;
- Relacione conceitos técnicos ao universo do estudante (ex.: mecânica com trens, informática com jogos etc.).

### Tempo e ritmo de aprendizagem:

- Respeite o tempo de resposta do aluno e evite pressa ou interrupções;
- Divida tarefas longas em etapas curtas e bem definidas.

### Apoios à comunicação e socialização:

- Utilize recursos de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), como pranchas de comunicação, aplicativos ou PECS;
- Promova parcerias com colegas empáticos para favorecer a interação social;
- Organize atividades em grupo com papéis definidos e mediação.

## 12.2 Adequações no Ambiente Escolar

- Evite sobrecarga sensorial (luzes intensas, ruídos excessivos, decorações em excesso);
- Considere o uso de abafadores de som ou espaços tranquilos para pausas.

### 8.4 Parceria com a família e com a equipe multiprofissional

A atuação conjunta da escola com a família e os profissionais de saúde (fonoaudiólogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, neurologista etc.) é fundamental. O diálogo constante permite alinhar estratégias, compartilhar conquistas e intervir de forma coordenada diante de desafios.

Sugestões de ações:

- Promover reuniões periódicas com responsáveis;
- Registrar as estratégias pedagógicas que funcionam e compartilhar com a família;
- Acolher orientações de laudos, relatórios e pareceres técnicos.

## 12.3 Comunicação e Atitudes Inclusivas

O aluno com TEA deve ser percebido como parte do grupo, não como uma exceção. A convivência entre os diferentes amplia o repertório de todos e prepara os estudantes para o mundo real. Para além das estratégias pedagógicas, é essencial trabalhar em conjunto com toda a comunidade escolar a construção de um ambiente de respeito, empatia e valorização da diversidade.

Ações como rodas de conversa, campanhas sobre inclusão, dinâmicas de grupo e o uso de linguagem respeitosa são instrumentos potentes para fortalecer essa cultura inclusiva.

## 13. Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade - TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de origem genética, que se manifesta na infância e pode persistir até a vida adulta. Ele é caracterizado por sintomas persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade, que interferem diretamente no desempenho escolar, nas relações sociais e na organização pessoal do estudante.

Embora o TDAH não configure uma deficiência segundo os critérios legais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), os estudantes com esse diagnóstico têm direito a adaptações pedagógicas, como qualquer aluno com necessidades educacionais específicas.

### 1 Características do estudante com TDAH

As manifestações do TDAH variam em intensidade e forma. Os principais sintomas incluem:

**Desatenção:** dificuldade de concentração, esquecimento frequente, não finalizar tarefas, cometer erros por descuido;

**Hiperatividade:** inquietação motora, dificuldade para permanecer sentado, fala excessiva;

- **Impulsividade:** dificuldade para esperar a vez, interrupções frequentes, tomada de decisões sem pensar nas consequências.

Esses sintomas podem comprometer a aprendizagem e o convívio em sala de aula, exigindo intervenções pedagógicas estruturadas, empáticas e consistentes.

## 13.1 Orientações Pedagógicas

Organize o tempo e o espaço:

Posicione o aluno em local com menos estímulos visuais e auditivos;

Evite que ele fique próximo a janelas, portas ou grupos barulhentos;

Utilize quadros visuais com a rotina diária e os horários definidos;

Divida as tarefas longas em etapas curtas e claras.

Comunique-se com objetividade:

Dê instruções em frases simples, com foco em uma tarefa por vez;

Confirme a compreensão pedindo que o aluno repita a instrução;

Use listas de verificação (checklists) para o acompanhamento das atividades.

Utilize recursos e ferramentas de apoio:

Ofereça fichas resumo, mapas mentais e organizadores gráficos;

Estimule o uso de agenda ou quadro de tarefas para o gerenciamento da rotina.

Incorpore movimento à aprendizagem:

Utilize atividades práticas, jogos, dramatizações ou trabalhos em grupo com tarefas definidas;

Delegue funções em sala (ex.: distribuir materiais, apagar a lousa), canalizando a energia de forma produtiva.

Valorize o esforço e crie vínculo:

Elogie o empenho e as conquistas, não apenas os acertos;

Evite correções em público que exponham o aluno;

Converse em particular sempre que necessário corrigir comportamentos;  
Demonstre confiança e escuta ativa.

## 13.2 Adequações no Ambiente Escolar

Reduza a quantidade de questões por página.

Ofereça tempo adicional e ambiente com menor distração para avaliações.

Permita a entrega de tarefas em diferentes formatos: oral, digital, apresentação etc..

Avalie o processo, e não apenas o produto final.

## 13.3 Recursos e Equipamentos

Parceria com a família e a equipe multiprofissional

O sucesso do estudante com TDAH depende de uma rede de apoio coordenada. A escola deve manter:

- Diálogo constante com os responsáveis;
- Compartilhamento de estratégias utilizadas e observações sobre o comportamento do aluno;
- Contato com psicólogos, psicopedagogos, neurologistas e outros profissionais da saúde, sempre com autorização da família.

Evite atitudes inadequadas

- Não rotule o aluno como “bagunceiro”, “preguiçoso” ou “desatento por escolha”;
- Evite punições rígidas e genéricas, que não contribuem para a autorregulação;
- Nunca compare o aluno com seus colegas.

O estudante com TDAH precisa de acolhimento, orientação clara e estratégias práticas para desenvolver seu potencial. Quando a escola oferece um ambiente estruturado e respeitoso, ele pode aprender, se organizar e conquistar sua autonomia com sucesso.

## 14. ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO

Estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) são aqueles que demonstram potencial elevado em uma ou mais áreas do conhecimento, seja no campo intelectual, acadêmico, criativo, artístico, psicomotor ou nas relações interpessoais. Esses alunos aprendem com rapidez, apresentam interesses específicos intensos, envolvimento profundo em tarefas e, muitas vezes, desafiam os limites da sala de aula tradicional.

### Características dos alunos com AH/SD

Ao contrário do que muitos imaginam, nem todos os alunos com altas habilidades tiram boas notas. Alguns podem apresentar baixo rendimento escolar devido à falta de estímulo, desmotivação ou dificuldade de adaptação ao ambiente escolar. É importante estar atento a características como:

Facilidade em aprender novos conteúdos e resolver problemas complexos;

Curiosidade intensa e questionamentos profundos;

Vocabulário avançado e pensamento crítico precoce;

Persistência em áreas de interesse;

Liderança, criatividade ou habilidade artística destacada.

Importante: Não há um único perfil de aluno superdotado. O reconhecimento exige observação atenta, uso de critérios múltiplos e apoio da equipe pedagógica e, se necessário, de profissionais especializados.

### **Mitos comuns sobre AH/SD**

“Alunos superdotados não precisam de apoio especial.” – FALSO. Esses estudantes precisam de estímulos adequados e desafios constantes para se desenvolverem plenamente.

“Eles sempre se destacam em todas as áreas.” – FALSO. Muitos têm desempenho acima da média em áreas específicas, mas dificuldades em outras.

“Superdotados são emocionalmente maduros.” – FALSO. Há muitas situações de dessincronia entre desenvolvimento intelectual e emocional.

“Acelerar a série é a melhor solução.” – FALSO. A aceleração pode ser uma alternativa, mas exige análise cuidadosa da maturidade e das condições da escola.

## Base legal e reconhecimento institucional

A identificação de alunos com AH/SD é respaldada por marcos legais importantes:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996): garante atendimento educacional especializado.
- Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008): reconhece o enriquecimento curricular como estratégia para esse público.
- Nota Técnica nº 40/2015/MEC: define diretrizes para o atendimento de estudantes com AH/SD.
- Decreto Estadual nº 67.635/2023 (SP): reconhece os estudantes com AH/SD como público da educação especial, com direito ao AEE suplementar nas escolas estaduais e técnicas de São Paulo.

### 14.1 Orientações Pedagógicas

Enriquecimento curricular:

- Amplie os conteúdos de interesse do aluno com maior profundidade (vertical) ou interdisciplinaridade (horizontal);
- Estimule pesquisas, projetos individuais e apresentação de resultados em feiras ou eventos;
- Ofereça desafios lógicos, problemas abertos, estudos de caso e tarefas criativas.

Flexibilização das atividades:

- Permita que o aluno avance em seu próprio ritmo, sem repetir conteúdos já dominados;
- Evite tarefas repetitivas e incentive propostas autorais e de livre criação;
- Utilize atividades com múltiplos níveis de complexidade.

## 14.2 Adequações no Ambiente Escolar

Organize espaços com materiais diversificados: livros, jogos de raciocínio, kits de robótica, ferramentas digitais;

Indique cursos online (MOOCs), vídeos científicos, clubes de leitura, grupos de estudo.

### **Incentivo ao protagonismo:**

Permita que o aluno contribua como mentor de colegas em atividades colaborativas;

Estimule sua participação em debates, apresentações e projetos coletivos;

Valorize suas ideias, respeitando seu ritmo e estilo de aprendizagem.

### **Acompanhamento socioemocional**

Muitos alunos com AH/SD vivenciam isolamento social, tédio, ansiedade ou baixa autoestima, especialmente quando não são compreendidos ou estimulados adequadamente. A escola deve atuar de forma acolhedora, proporcionando:

Escuta ativa e diálogo de igual para igual;

Apoio para lidar com frustrações, pressão por desempenho e inseguranças emocionais;

Mediação de conflitos com colegas, promovendo empatia e inclusão.

Parceria com a família e equipe multidisciplinar

Mantenha comunicação contínua com os responsáveis;

Compartilhe observações e estratégias utilizadas com sucesso;

Quando necessário, articule com psicólogos, psicopedagogos ou orientadores vocacionais para apoio mais individualizado.

### 14.3 Cuidados importantes

Evite rotular o aluno em público como “gênio” ou “diferente”;

Não exija perfeição ou coloque expectativas irreais sobre ele;

Nunca ofereça adaptações que a escola não esteja preparada para cumprir;

Foque no desenvolvimento integral: intelectual, emocional, social e ético.

Estudantes com altas habilidades ou superdotação têm grande potencial de contribuir com soluções inovadoras, pensamento crítico e liderança colaborativa. Ao criar condições para que esse potencial floresça, a escola técnica forma não apenas bons profissionais, mas cidadãos conscientes e transformadores da realidade.

## 15. Referências

- 15 Dicas para ajudar seu aluno com autismo. Inspirados pelo Autismo, 2023. Disponível em: <https://www.inspiradospeloautismo.com.br/como-ajudar-seu-aluno-com-autismo/>. Acesso em 10/04/2023.
- American Psychiatric Association. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- Belisário Filho, J. F., & Cunha, P. (2010). A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Bernardo, P. C. Autocontrole de crianças diagnosticadas com TDAH: o efeito de atrasos absolutos e relativos em escolha com tentativas discretas. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília. 2004.
- BRASIL, Decreto nº. 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Brasília, DF, 2004.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar Abordagem Bilíngue na Escolarização de Pessoas com Surdez. Brasília: 2010.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 jul. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva Brasília, 2008b. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf)>. Acesso em: 1 jan. 2023.
- BRASIL. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- Camargo, S. P., & Bosa. C. A. (2009). Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: Revisão Crítica da Literatura. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 65-74.[doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008](https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008)

•Comunidade Aprender Criança. Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas. Editora. Instituto Glia, 2014.

•DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO. Transtorno do Espectro Autista. Manual de Orientação, n. 5, abr. 2019. Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em:

[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/21775c-MO\\_-\\_Transtorno\\_do\\_Espectro\\_do\\_Autismo.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf). Acesso em 23/03/2022.

•Desidério RCS, Miyazaki MCOS. Sugestões Práticas Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): Orientações para a Família. Rev Sem ABRAPEE. 2007; 11: 165-178.

•Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais [recurso eletrônico] / [org.] Magno Alexon Bezerra Seabra. – 1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020.

•DUARTE, Mirelle e LAMB, Lúcia. CARTILHA SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO. Porto Alegre: FADERS, 2020. Disponível em:

<https://faders.rs.gov.br/cartilha-sobre-altas-habilidades-superdotacao>. Acesso em 10/05/2023.

•Fleith, Denise de Souza (org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores / organização: Denise de Souza Fleith. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. In:

<https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/altashab2.pdf> . Acesso em 10/05/2023.

•Fleith, Denise de Souza (org). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume 2: Atividades de Estimulação de Alunos. Org. Denise de Souza Fleith. 2007. In: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/altashab3.pdf>. Acesso em 10/05/2023.

•FREITAS, MICHELLI. 6 Dicas para facilitar o aprendizado das crianças autistas. Instituto de Educação e Análise do Comportamento, 2023. Disponível em:<https://blog.ieac.net.br/6-dicas-para-facilitar-o-aprendizado-das-criancas-autistas/>. Acesso em 10/04/2023.

•Fundação Catarinense de Educação Especial. <https://superdotacao.fcee.sc.gov.br/>. Acesso em 10/05/2023.

•[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 09/05/2023.

•Instituto Neurosaber de Ensino. <https://institutoneurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/>. Acesso em 08/05/2023.

- KHOURY, Laís P. et al. Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores. [livro eletrônico]. -- São Paulo: Memnon, 2014. 1.004,23 Kb. Disponível em: <https://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/3155.pdf>. Acesso em 21/03/2022.
- Louzã Neto, M. R. TDAH transtorno de déficit de atenção/hiperatividade ao longo da vida. Porto Alegre: Artimed. 2010.
- MATSUKURA, F.D.R., SIMÕES, T. e SQUASSONI, C. E. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. “Autistas em idade adulta e seus familiares: recursos disponíveis e demandas da vida cotidiana”. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]. 2019, v. 27, n. 2, pp. 302-316. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/5RBnBb9nWTFrbnvSr3HRzVq/?lang=pt#>. Acesso em 24/03/ 2022.
- Mattos P, Serra-Pinheiro MA, Rohde LA, Pinto D. Apresentação de uma versão em português para uso no Brasil do instrumento MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e sintomas de transtorno desafiador e de oposição. Rev Psiquiatr. 2006.
- Medina-Papst J, Marques I. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum. 2010; 12: 36-42.
- Merlo, Sandra. O aluno com Alta Habilidades / superdotação e sua inclusão na escola. UFSM. 2008. In [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2775/Merlo\\_Sandra.pdf](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2775/Merlo_Sandra.pdf). Acesso em 09/05/2023.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Pró-Reitoria de Graduação: Núcleo de Políticas de Inclusão. Orientações para professores de estudantes com baixa visão. 2010.
- MOUSINHO, Renata. Projeto ELO: escrita, leitura e oralidade. UFRJ.
- NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHIMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10178/pdf>. Acesso 22/03/2022.

- RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.
- SÁ, Elizabet Dias. CAMPOS, Izilda Maria de. SILVA, Myriam Beatriz Campolina. Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos / Secretaria da Educação, Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE; Orgs. Christina Menna Barreto Cupertino; Denise Rocha Belfort Arantes. – 2. ed. rev. atual. ampl. – São Paulo : SE, 2012.
- SÃO PAULO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Projeto Escola Viva – Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – Alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: 2023.
- São Paulo. Lei N° 17.759, de 20 de setembro de 2023.
- SEDÓ M, de Paula JJ, Malloy-Diniz LF. O Teste dos Cinco Dígitos. São Paulo: Hogrefe, 2015.
- SILVA, Luzia Guacira dos Santos. Orientações para atuação pedagógica junto a alunos com deficiência: intelectual, auditiva, visual, física. Natal: WP Editora, 2010.
- STEINBRENNER, J. R., HUME, K., ODOM, S. L., MORIN, K. L., NOWELL, S. W., TOMASZEWSKI, B., SZENDREY, S., MCINTYRE, N. S., YÜCESOY-ÖZKAN, S., & SAVAGE, M. N. Práticas Baseadas em Evidências para Crianças, Adolescentes, e Jovens com Transtorno do Espectro do Autismo. 2020. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with Autism. The University of North Carolina at Chapel Hill, Frank Porter Graham Child Development Institute, National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team. Tradução equipe Terapia Aba: GUIMARÃES, L. E DIAS, R. 2020. Disponível em: <https://www.terapiaaba.com.br/upload/ebp-traducao-final.pdf>. Acesso 22/03/2022.
- Wecheler D, Escala Wecheler de Inteligência não verbal: (WNV): manual de instruções para aplicação e correção/ David Wecheler e Jack A Nagliari; tradução de Transperfect – São Paulo: Pearson, 2019. 210p.
- <https://www.vittude.com/blog/quais-os-principais-transtornos-de-aprendizagem/>. Acesso em 08/05/2023.
- <https://blog.rhemaeducacao.com.br/19-dicas-para-lidar-com-o-aluno-com-tod-em-sala-de-aula/>. Acesso em 08/05/2023.
- <https://www.dislexia.org.br/category/produtos/>. Acesso em 12/05/2023.